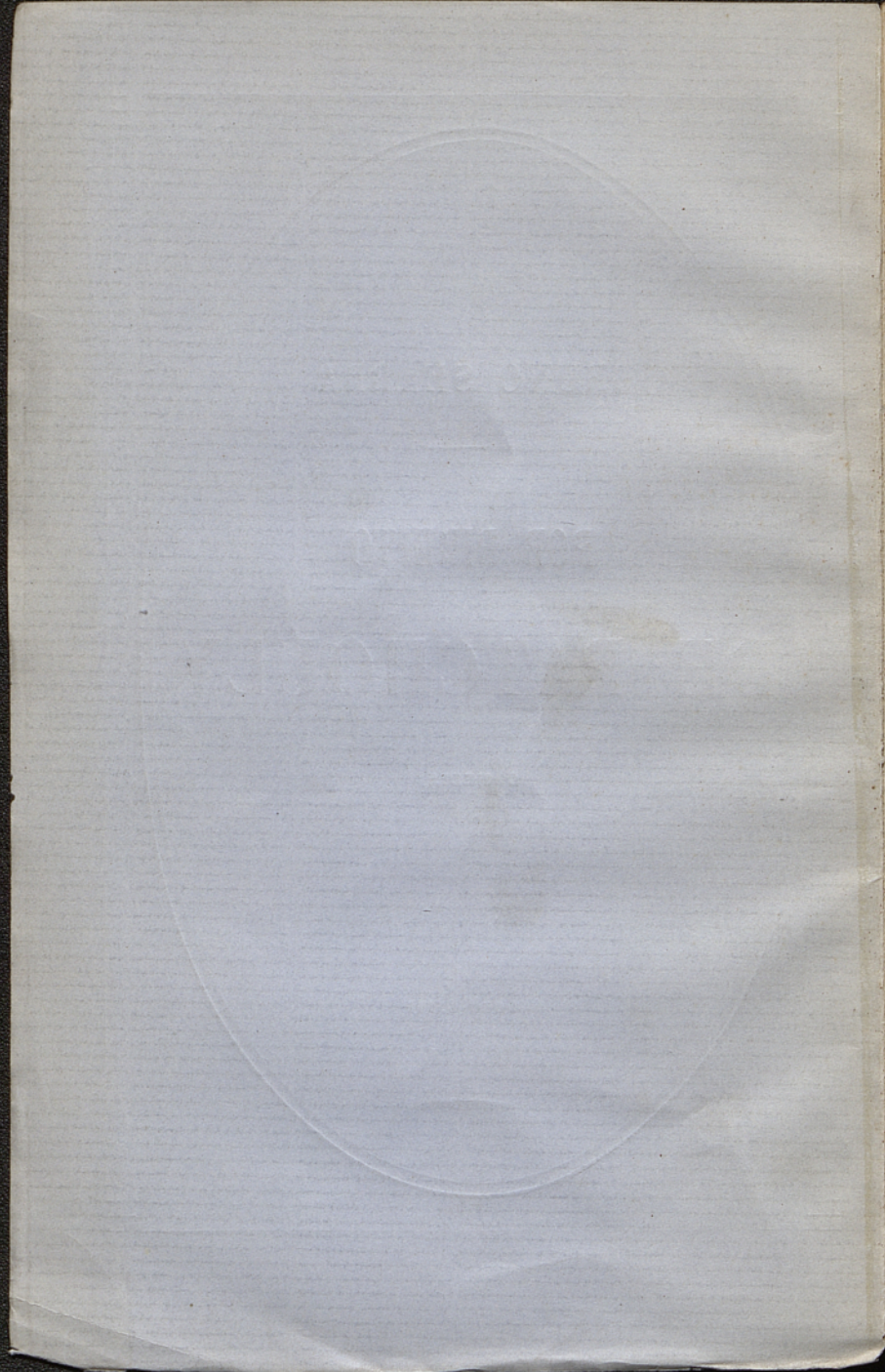
BRUNO SEABRA

POR DIREITO DE PATCHOULY

COMEDIA

M DCCC LXIII

A Monsieur
Ferdinand Denis
hommage de l'auteur

Paris, 10, avril 1867

Bruno Seabra

POR DIREITO DE PATCHOULY

POR DIREITO

DE PATCHOULY

COMEDIA EM UM ACTO

POR

BRUNO SEABRA

DO CONSERVATORIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO

PARIZ

IMPRENSA DE SIMON RAÇON E COMP.

1, RUA D'ERFURTH, 1

—

1863

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DOUTOR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

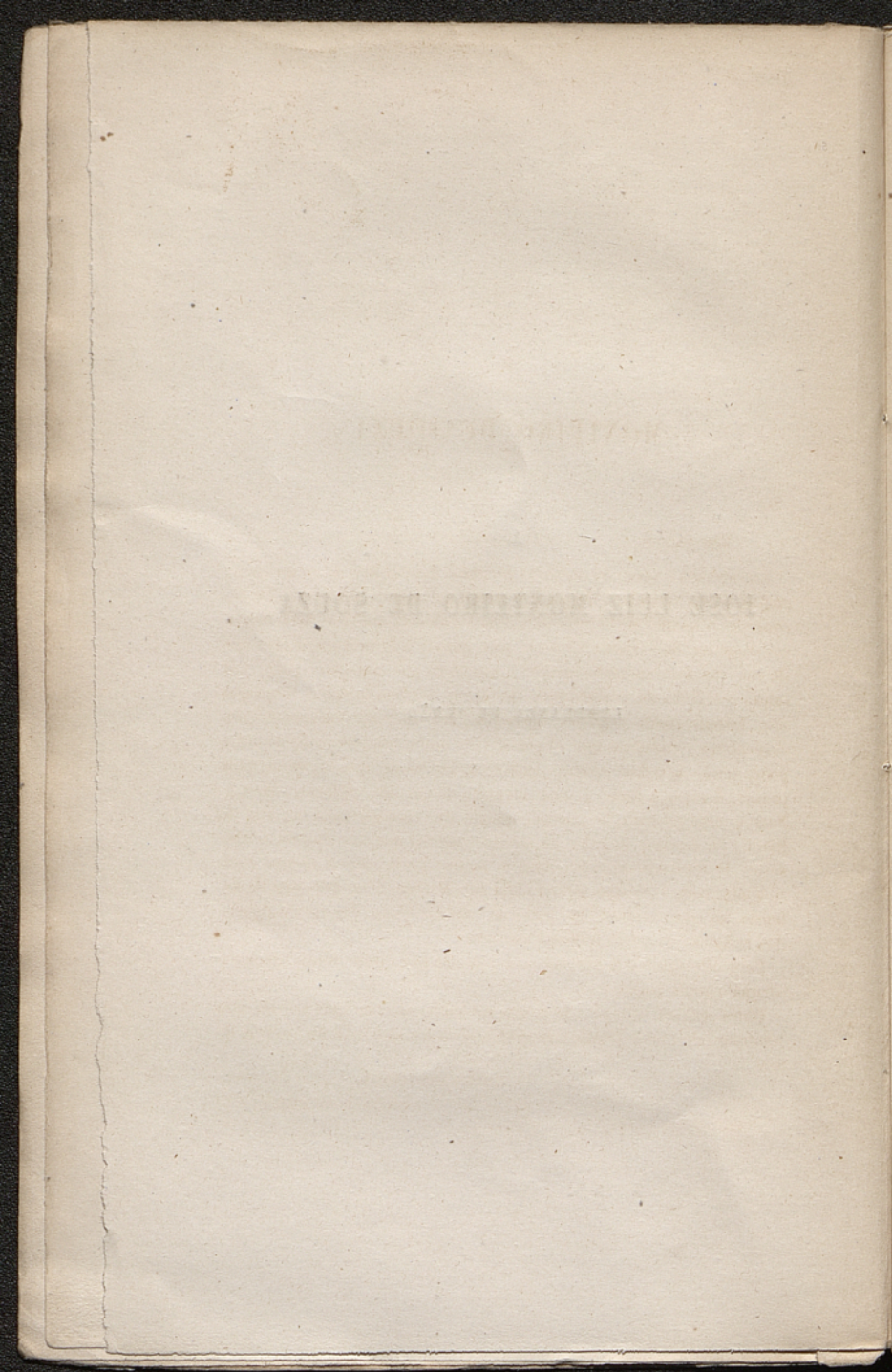
HUMILDE TESTEMUNHO

DE RESPEITO E GRATIDÃO

A

JOSÉ LUIZ MONTEIRO DE SOUZA

LEMBRANÇA DE IRMÃO

Á

MONTEIRO DE SOUZA

Meu amigo:

Escrevendo o nome do distincto escriptor doutor Macedo na primeira pagina d'este livrinho, cumpro um dever que muito me honra. Tu reconheces o quanto lhe devem os moços estudiosos, ainda os mais obscuros como eu. Seu talento só serve para honrar a litteratura; o prestígio de sua voz tem animado sempre a mocidade que trabalha: pago, por tanto, o tributo de gratidão que lhe devo, — como tambem moço que sou. Tributo muito pequeno, é verdade, mas que elle certamente não desdenhará: suzerano que só por si vale muito não desdenha nunca o pobre feudo de pobre peiteiro. Quanto ao teu nome, que vai na segunda pagina, é cousa á parte. É uma surpreza de que não gostarás, releva-a. Nasceu esta comedia no mesmo quarto que occupávamos na rua do Rivoli; foi escripta ao calor da mesma chaminé que nos aquecia as frias noites de fevereiro passado, sôbre a mesma pasta, com a mesma tinta e, ainda, com a mesma penna. Ella me lembrará sempre aquelle silencio em que vivíamos no meio da ruidosa Pariz, dos nossos dourados castellos, da nossa fraterna amizade.

Pergunta agora a ti proprio — se é ou não por direito que o teu nome occupa aquella pagina?

Outra pagina occupa elle e que ninguem rasgará nunca e de que nenhum taberneiro jámais fará cartucho — é a que está no coração do teu

Inalteravel amigo,

BRUNO SEABRA.

Pariz, março de 1863.

PERSONAGENS:

PROCOPIO : commendador, ex-negociante de café; caracter flexivel, com presumpção de razoavel, dissimulando a queda que tem para o interesse; quando calmo bonachão a ponto de fazer bem; quando alterado burlesco causando riso; luxurioso por impostura; toma rapé com mestría e habito; viuvo que não toca, nem brincando, na sua defunta metade. 50 annos de idade, mais ou menos.

MARIQUINHAS : filha de Procopio. — Typo commum, d'essas que lêm constantemente o diccionario dos flôres; espirito futil; maneiras estudadas, etc. 18 annos.

DUARTE : primo de Mariquinhas. — Moço pobre e orphão; genio franco e leal; fronte nobre e inspirada; maneiras dignas e naturaes; empregado publico e collaborador d'um jornal; enamorado de sua prima, por aberração da natureza. 25 annos.

AMELIA : amiga de Mariquinhas, por gratidão a Procopio. — Espirito natural e reflectido, typo rarissimo em dia; sería a digna esposa de Duarte, se não fôsse casada, mas, em compensação, sua dedicada amiga. 24 annos.

BAPTISTINHA : conhecido de Procopio; filho de um ricaço e, quasi por isso, estulto. — Foi tido entre os seus condiscipulos de collegio por idiota e sahia sempre approvado nos exames que fazia; preferiu vêr a Europa á uma carta de bacharel das nossas academias; não gostou de Londres porque não conhecia o inglez; passou as carreiras pela Allemanha e foi estacionar por seis mezes em Pariz, onde desenvolveu a bossa das parvoices. — Genio pretencioso e quanto

mais pretencioso mais atoleimado; bebe os ares por Mariquinhas e ella por elle. 20 tantos annos.

MANOEL MINHOTO: jardineiro de Procopio. — Grande no seu officio e fóra d'elle incapaz para dar um recado; lá em se-lhe-apoucando o Minho, por esforço natural de patriotismo, tem talento de sobra para mandar Baptistinha, por exemplo, limpar as mãos á parede. 40 annos.

A acção se passa em Botafogo. — Épocha qualquer póde servir, partindo do dia em que *desembarcou* no Rio de Janeiro o primeiro *vidrinho* de patchouly.

POR DIREITO DE PATCHOULY

ACTO UNICO

Chácara do commendador, em Botafogo. Casa terrea. O theatro deve representar uma sala de visitas, mobiliada com luxo. Mesas pequenas com jarros de flôres, um piano, cadeiras, canapé, etc., convenientemente dispostos. Uma mesa redonda no meio da sala. — Ao fundo, porta commum sempre aberta e duas janellas deitando para o jardim e deixando vêr arvores, etc. Á direita uma outra porta dando entrada para o interior da casa. — São cinco horas da tarde.

SCENA PRIMEIRA

AMELIA e MARIQUINHAS.

Amelia n'uma das janellas; traja singelamente. Mariquinhas, vestida com mais atavios, sentada junto a mesa redonda; parece contrariada lendo destraidamente um livro.

AMELIA, sahindo da janella.

Estou com saudades de Nictheroy D. Mariquinhas. (Com meiguice, tocando levemente nos hombros de Mariquinhas.) Ainda está zangada?

MARIQUINHAS, com enfado.

Pois não, D. Amelia! tenho pedido a snra. tantas vezes que não me falle mais n'isso, e a snra. teimando sempre!... parece de proposito... e diz ser minha amiga...

AMELIA.

E é porque sou muito sua amiga, D. Mariquinhas, que, de proposito, fallo n'isso. (Senta-se do outro lado da mesa, em frente de Mariquinhas, que vai continuando a folhear o livro. Posição natural.) Eu era rica, como a snra. sabe, e Augusto, tirando um pouco de talento, tão pobre como Job. Não vi o esquecido da fortuna e sim o moço de talento, casei com elle. Graças a Deus, meus paes não se opposérão muito. Aconteceu que os bens da fortuna, precarios como são, lá em um só dia se extraviárão todos, e se eu os-tivesse em conta de fonte de felicidade, e por isso, na mira de augmental-os, casado com um d'aquelles moços ricos, que se-me-apresentavão as duzias, mas que não disponhão d'esse melhor dote que a natureza dá e que, por conseguinte, a fortuna não póde extraviar, o talento, o amor ao trabalho, de querida da fortuna que, então, me julgasse, vêr-me-ia inconsolavel victima da sua inconstancia. Augusto, porém, tinha talento, bem que não dá a fortuna, mas que póde conquistal-a; e eu que vi no dote natural do meu escolhido a fonte da minha real felicidade, continuei, como d'antes, a ser feliz, quando a fortuna nos abandonou. Dizendo isto, não esqueço a generosidade de seu pae, minha amiga, que de tanto nos serviu e de que não nos esqueceremos jámais. Pelo contrário, é por isso mesmo que faço o que posso, concorrendo tambem com o meu pouco para a felicidade futura da filha do meu bemfeitor. Olho para a snra. como para

uma irman e com olhos experientes vejo que póde ser muito feliz casando com seu primo; e eis ahi porque teimo. Elle a-ama tanto... (Mariquinhas faz um movimento de desdem com os hombros.) É um moço cheio de talento e juizo... (Outro movimento de Mariquinhas.) É seu primo co-irmão... (O mesmo movimento.) Não é nenhum velho rabugento... (O mesmo.) Não é feio, que metta mêdo... (O mesmo.) Não sei porque repelil-o d'esse modo...

MARIQUINHAS, sempre folheando o livro e com tom de voz rigoroso.

Porque o casamento deve ser feito por amor, e do meu lado (decidida) eu não tenho amor a esse primo...

AMELIA, com brandura e risonha.

Mas, porque?

MARIQUINHAS, dando com os hombros.

Ora porque... porque não.

AMELIA.

Se a snra. quizesse... pódia...

MARIQUINHAS, de pé, deixando o livro com enfado.

Olhe, D. Amelia, estimo muito a sua companhia, mas, se eu adivinhasse que a snra. vinha de Nictheroy com as suas idéas antigas, não lhe mandava avisar que a chácara já estava vazia... (Vai tomar assento no canapé.)

AMELIA, indo tomar assento junto de Mariquinhas.

Não seja tão cruel para seu primo... (Toma-lhe os mãos com amizade.)

MARIQUINHAS, com resentimento.

Ainda hontem a snra. veio e já me tem affligido tanto!... (Decidida.) Já tenho dito (batendo com os pês), não quero e

não quero... Oh! que forte teima! (Tirando as mãos d'entre as de Amelia.) Ha mais de um anno que a snra. e elle estão com isto! querem que obrigue meu coração?!

AMELIA.

Seja mais justa e verá como o seu coração ha de logo querer...

MARIQUINHAS.

Elle será... (Com ironia.) Será tão bom como um principe, mas eu é que não o-quero para marido. (Com zombaria.) Havia de ser um marido muito engraçado, pois não! um moço que...

AMELIA.

Qúe?

MARIQUINHAS, com escarneo.

Escreveu-me ha dous dias (corregando na phrase com ironia), n'uma tira de papel, sem mais nem menos: (Citando compassadamente e ridicularisando o tom.) « Prima; hoje que já, emfim, consegui um emprego certo e que me promette futuro, escrevo a meu tio pedindo-a em casamento. Ha muito tempo, como sabe, é esse o meu maior desejo. Não vou pessoalmente porque... » (Exclamando.) Reticencia... (Citando.) « Depois d'amanhã... »

AMELIA.

Que é hoje...

MARIQUINHAS, finalisando.

« Vou buscar a resposta. » Veja isto! (Com escarneo, rindo.) E n'uma tira de papel!...

AMELIA.

Quando a sinceridade falla, D. Mariquinhas, são dispensados os floreios da rhetorica.

MARIQUINHAS, ridicularisando.

N'uma tira de papel e que até trazia um borrão de tinta! (Fica ouvindo com indifferença o que diz Amelia.)

AMELIA, com seriedade.

Ouvi dizer, D. Mariquinhas, que o Marquez de Maricá escrevia as suas maximas em tiras de papel. Era um homem pensador, escrevia os seus pensamentos fôsse lá em fôsse. Muitas vezes, certamente, cahirão tambem borrões de tinta sôbre essas tiras... que não apagárão, porém, o brilho real das suas maximas, dos seus pensamentos...

MARIQUINHAS.

Um moço de quem as moças todas criticão a maneira de vestir... elle é conhecido no club entre ellas pelo — cabellos de porco espinho! (Com zombaria.) Creio que aquella cabeça nunca viu, siquer, sebo de Hollanda! Uma vez valsando comigo, que vergonha porque passei! Cahiu-lhe uma penna de detraz da orelha!

AMELIA.

E eis ahi a forte razão porque o snr. Duarte não lhe agrada! meu Deus! a snra. quer, D. Mariquinhas, que seu primo deite pomada nos cabellos com o calor d'este Rio de Janeiro? Derretia-se a pomada, d'ahi a pouco começava a pingar (rindo.) a gordura e ficava fresco o empomadado, oh! que frescura! Quer que elle esqueça a penna, traste de que sabe fazer muito bom uso, para andar com um inutil *pincenez*, porque elle não soffre da vista? D. Mariquinhas a affectação dos leões não vale nada, é muito ridicula aos olhos do bomsenso. As moças que criticão de seu primo são tão boas levianas como esses figurinos desengonçados que vão aos nossos clubs

dar pasto a mofa e muitas vezes a indignação das pessoas cordatas, dos homens serios... (É interrompida por Baptistinha, que entra pelo fundo.)

SCENA II

As Mesmas e BAPTISTINHA.

Baptistinha de cabellos frisados, bigodinhos retorcidos rematando em pontas de anzol; calça á moda, casaca de panno azul e botões amarellos; um *pincenez* ao nariz, luvas brancas ou de outra côr saliente, chapéo de castor branco, bengalinha, etc., etc. — É preciso não esquecer uma caixinha de phosphoros, uma charuteira e o competente bocal para charutos. Amelia e Mariquinhas ficão nos seus lugares. — Mariquinhas não póde dissimular o prazer que sente com a entrada de Baptistinha. Amelia pasma e dissimula.

BAPTISTINHA, entrando com familiaridade; voz doce affectada.

Dá licença, D. Mariquinhas?...

MARIQUINHAS.

Ah!

AMELIA, á parte.

É um gafanhoto ou cupido?

BAPTISTINHA, em scena.

Passando por aqui julguei da minha obrigação entrar para saber da sua perfeita saude. (Põe o chapéo e a bengalinha emcima da mesa redonda.)

AMELIA, a Mariquinhas que não presta attenção.

Quer dizer que veio de proposito.

BAPTISTINHA, dando a apertar a mão a Mariquinhas, e fazendo depois com affectada seriedade um leve comprimento de cabeça a Amelia.

Tem passado bem, D. Mariquinhas? (Á Amelia.) Minha snra.!

AMELIA, correspondendo com cortezia, mas com vontade de rir.

Senhor...

MARIQUINHAS, com reserva.

Tem passado bem, snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA, occupando uma cadeira.

Ha quatro dias, D. Mariquinhas...

MARIQUINHAS, interrompendo-o e com mysterio.

Ha... tanto tempo...

BAPTISTINHA.

Cahi na cama ha quatro dias com uma constipação...

MARIQUINHAS, interrompendo-o.

Apresento-lhe uma das minhas mais intimas amigas. (Mostrando Amelia.) D. Amelia que morava em Nictheroy, mas que é hoje minha visinha tambem.

BAPTISTINHA, fazendo um movimento de cabeça.

Minha snra., eu...

MARIQUINHAS, interrompendo-o.

D. Amelia. (Mostrando Baptistinha.) O snr. Baptistinha, moço muito distincto...

AMELIA, á parte.

Vejo-o!...

MARIQUINHAS.

Que tive o prazer de conhecer no club-fluminense.

AMELIA, com seriedade a Baptistinha.

Snr. Baptistinha, tenho summo prazer...

BAPTISTINHA. interrompendo-a.

É de summo prazer (espivitado e pondo uma perna sôbre a

outra) o conhecimento, que travo com V. Exa., por via de D. Mariquinhas.

AMELIA, de pé, com dignidade.

Snr. Baptistinha, tenho a honra de comprimental-o!

BAPTISTINHA, sem ter percebido a dignidade de Amelia.

Muito obrigado, minha snra.

AMELIA, assentada, á parte.

Foi uma lição inutil.

MARIQUINHAS.

Não acha bonita a minha amiga, snr. Baptistinha.

BAPTISTINHA, deixando cair do nariz o pincenez, e olhando attentamente para Amelia.

Vejo... que é bonita.

AMELIA, rindo.

Como póde vêr, se deixou cahir o *pincenez*?

BAPTISTINHA, levando ligiramente o pincenez ao nariz.

Eu vejo alguma cousa sem elle.

AMELIA.

N'esse caso...

MARIQUINHAS.

Veio o carro, snr. Baptistinha?

AMELIA, não dando tempo a resposta.

O snr. Baptistinha é présbyta ou myope?

BAPTISTINHA, atrapalhado.

Como... diz...?

AMELIA.

Pergunto se é présbyta ou myope?

BAPTISTINHA, atrapalhado, fingindo o contrário.

Eu sou pres... pres... (deixando cair o pincenez e ridiculo mio... mio... faz favor de repetir, não ouvi bem. (Põe o ouvido em acção de escutar.)

AMELIA, com clareza e sem conter o riso.

Présbyta... ou myope...

BAPTISTINHA.

Ah! eu sou *no myope*, minha snra.; vejo pouco. (A Mariquinhas.) Vim o carro, D. Mariquinhas.

AMELIA, á parte.

Vejão que rival! (Á Baptistinha.) É myope, então?

BAPTISTINHA, dissimulando não ter ouvido.

Como o passa o commendador, D. Mariquinhas?

MARIQUINHAS.

Bem, obrigada. Anda pelo jardim.

BAPTISTINHA, pondo o pincenêz.

E a snra. cada vez mais formosa e cheia de encantos...

MARIQUINHAS, a meia voz.

Qual! o espelho diz o contrário.

BAPTISTINHA.

É porque a snra. não quer vêr. (Á Amelia que parece pensar.) Não acha, minha snra.?

AMELIA, fazendo um movimento como para procurar alguma cousa.

O que?

BAPTISTINHA, crendo no engano.

Não acha, digo, que D. Mariquinhas de dia para dia fica mais formosa?

AMELIA.

Eu devo ser suspeita, não lhe parece?

MARIQUINHAS, animada.

Apoiado.

AMELIA, fitando attentamente no pincenez de Baptistinha.

Snr. Baptistinha, reparo que o seu *pincenez*, (á Mariquinhas), veja D. Mariquinhas, (á Baptistinha) perdeu o vidro do ôlho esquerdo.

MARIQUINHAS, olhando.

E mesmo...

BAPTISTINHA, tirando o pincenez e reparando.

E é verdade! ora esta... Está porque eu estava vendo mal d'este ôlho. (Mostrando e esfregando o ôlho direito.)

AMELIA, rindo.

Do direito?...

BAPTISTINHA, atrapalhado.

Não... (mostrando o ôlho esquerdo) quero dizer d'este. (E não faz mais uso do pincenez até nova ordem.)

MARIQUINHAS, animando-se.

É verdade, recebi o meu album, e fico-lhe muito obrigada pelos versos.

AMELIA.

Ah! o snr. Baptistinha é poeta?

BAPTISTINHA, forçadamente modesto.

Qual, minha snra ..

MARIQUINHAS, com segurança.

É, D Amelia...

AMELIA.

Eu bem estava vendo...

BAPTISTINHA, com amabilidade.

Como?

AMELIA.

A poesia, snr. Baptistinha, e a tangerina são mudamente reveladoras... Esta pelo cheiro que exhala, e aquella por um *que*... (Á parte.) Estou quasi dizendo—*t*—. (Disfarça o a parte com a reticencia.) Por um *que* que só os poetas, como o snr. trazem no semblante... (Á parte.) Para não dizer — na testa.

(Baptistinha, tira o lenço e vai limpando docemente a cara.)

AMELIA, continuando.

Já antes de ouvir dizer, eu tinha visto esse *que*, (á parte) digo — t —, finalmente, (á Baptistinha.) que debalde o snr. cuidará apagar da fronte com o seu lenço...

(Baptistinha cái em si, e não limpa mais a cara.)

AMELIA, continuando.

Salientemente revelando a poesia que dorme em seu coração...

(Baptistinha, querendo poetizar a cara fica com cara de tolo.)

AMELIA, á parte.

Olhem a cara que elle faz!

BAPTISTINHA, com segurança.

Lá o coração é verdade, minha snra. eu tenho o coração muito poetico. V. Exa. já esteve na Europa?

AMELIA.

Não snr. (dmirada.) Porque?

BAPTISTINHA, engasgado.

Porque... porque... (Á Mariquinhas.) Não parece que ella já esteve na Europa?

MARIQUINHAS.

É um elogio, D. Amelia. Como o snr. Baptistinha esteve na Europa...

AMELIA, fingindo surpreza.

Ah! já esteve na Europa, snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA, com jactancia.

Sim, minha snra. Andei por lá mais de um anno e cheguei ha tres mezes.

MARIQUINHAS.

E lá é que as moças são esperituosas. (Á Amelia.) E como a snra. é...

AMELIA.

Isso é gracejo, o snr. Baptistinha não pensou n'isso. (Á Baptistinha.) Esteve em Londres, snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA.

Estive em Pariz, sim snra. e depois tambem em Londres e mais paizes.

AMELIA.

Gostou?

MARIQUINHAS, com reserva.

Não, não!... Elle tem tido tantas saudades...

BAPTISTINHA.

Gostei muito mais de Paríz do que de Londres; Londres é uma cidade aonde quem não souber inglez não entenderá os inglezes porque elles fallão muito mal a sua lingua.

AMELIA.

Mas o snr. Baptistinha sabe o inglez?

BAPTISTINHA, indeciso.

Minha snra. a lingua ingleza... como sabe... a snra. sabe o inglez?

AMELIA.

Eu, não, snr.

BAPTISTINHA, senhor de si.

Pois eu desde os mais verdes annos que sei o inglez, mesmo porque não é lingua muito difficil.

MARIQUINHAS, rindo.

Eu do inglez só sei dizer — *godemi*— que aprendi no collegio.

BAPTISTINHA.

E D. Mariquinhas tem boa pronúncia.

AMELIA.

D. Mariquinhas, onde está o seu album?

MARIQUINHAS.

Na alcova, creio que debaixo do travesseiro.

BAPTISTINHA, com inveja do lugar do album.

Ahi está quando eu quereria tambem ser album!

AMELIA, de pé.

O snr. é um album vivo, snr. Baptistinha, (á parte) de parvoices.

BAPTISTINHA.

Concordo, minha snra., figuradamente fallando.

AMELIA.

Estou morta de curiosidade. Quero já lêr os seus versos, devem ser muito e muito originaes. Vou procurar o

album, eu já volto (indo sahir), com licença. (Sahindo pela direita, á parte.) Talvez o motejo faça alguma cousa.

SCENA III

MARIQUINHAS e BAPTISTINHA.

Mariquinhas dá largas aos arrufos. — Baptistinha mostra prazer com a retirada de Amelia, passa de cortez atoleimado para o desembaraço burlesco.

BAPTISTINHA.

É muito instruida esta moça, D. Mariquinhas.

MARIQUINHAS, a meia voz e com indifferença.

É... (Suspirando.) Quem me dera que eu fôsse sympathica como ella...

BAPTISTINHA.

Ella não tem nada de sympathica.

MARIQUINHAS.

Amavel... espirituosa...

BAPTISTINHA.

Ora qual! não é por estar na ausencia, mas, é muito affectada...

MARIQUINHAS.

Entretanto, o snr. parece que já está caido por ella...

BAPTISTINHA.

Eu, D. Mariquinhas? Nem que estivesse doido. . *sapristi!* como dizem os francezes.

MARIQUINHAS.

O máo é que D. Amelia é casada...

BAPTISTINHA.

Vejão lá!... pois não mostra... é muito derretida.

MARIQUINHAS.

Mas, na falta d'ella, ha outras muitas que são solteiras...

BAPTISTINHA.

Meu Deus! a snra. pensa que eu namoro o Rio de Janeiro em peso! D'antes, talvez... mas hoje, depois que vi, pela primeira vez, o seu formoso rosto... (Com ternura.) Mariquinhas...

MARIQUINHAS.

Não me trate por — tu... não lhe mereço... se merecesse o snr. não passaria quatro dias sem apparecer... (ironica) mas, eu moro tão longe... e quem está longe esquece... tem razão...

BAPTISTINHA.

Estive com febre de uma constipação que pilhei...

MARIQUINHAS.

Seria bem feito que hoje o snr. me achasse compromettida com outro...

BAPTISTINHA, com fogo.

Porque?... (Calmo.) Mas... não, não quero saber...

MARIQUINHAS.

Ou então, será bem feito que o snr. me illuda, que é para eu não cair n'outra...

BAPTISTINHA.

D. Mariquinhas! ainda duvida do meu amor? (Com doçura.) D'este amor, tão puro como o sorriso das açucênas! tão innocente como a candidez do jasmim! (Com fogo.) Tão chammejante como o raio que passa pelos pincaros dos montes! (Com anciedade.) Tão ancioso como a triste mãe que contempla o morto filhinho que os lobos devorárão!...

(Fica suspenso em extase.)

MARIQUINHAS.

Sim... sim... o snr. então que esteve na Europa... sahindo d'aqui vai dizer a mesma cousa as outras... se eu adivinhasse... (A meia voz.) Mas a innocencia é sempre quem soffre!...

BAPTISTINHA, formalisado, de pé.

Oh! como a snra. é cruel! (Pondo o pincenez.) Mas, não... estou lendo no seu semblante... leio... a snra. é—*susceptivel de scepticismo* .. — a snra. leu Byron!... leu Alvares de Azevedo!... leu a Moreninha!... (Com enfase e dor.) Já não crê no meu amor!...

(Mariquinhas, olhando para o chão, vai fazendo estalar os dedos.)

BAPTISTINHA, continuando.

Chora coração! (Leva a mão ao coração.) Chora... e, qual *outro Sapho*, exclama no desespero : (Exclamando.)

— Mulher pura e fiel não ha nem houve!

(Apontando para Mariquinhas.)

— Crês tu que a tua o seja? Aos lares corre... —

(Fica em posição tragico-comica.)

MARIQUINHAS, de pé.

É um amor de passa-tempo... (Quer partir.)

BAPTISTINHA, tomando-lhe as mãos.

É um amor de passa-tempo?

MARIQUINHAS, com força.

É... e é...

BAPTISTINHA.

Veja o que diz!...

MARIQUINHAS, escapando-lhe das mãos.

Digo e sustento...

BAPTISTINHA, tirando uma carta e dando a lêr a Mariquinhas.

Leia este documento.

MARIQUINHAS, tomando a carta com pressa e lendo com commoção.

(Lendo.) « Meu filho; pódes perdir em casamento a filha
« do commendador Procopio, como desejas. Conheço o
« commendador e vejo que fazes uma boa escôlha e que
« és o digno filho do pae que tens. O commendador é um
« homem summamente rico e nobre. Não lhe mostres
« esta carta, para que elle não pense que dou o meu con-
« sentimento por amor do seu dinheiro. Dinheiro por di-
« nheiro, nós tambem temos dinheiro. Não te escrevo
« mais circumstanciadamente porque o correio parte já.
« Recebe a benção do teu pae que muito te ama...
« *N. B.* O tenente coronel sabendo que ias casar ficou
« bastante contrariado, porque contava comtigo para a fi-
« lha. Não perdes nada, elle está completamente pobre. »

BAPTISTINHA, victorioso.

Falle!...

MARIQUINHAS, com pejo, entregando a carta.

É... uma surpreza!...

BAPTISTINHA, recebendo e guardando a carta; com resentimento.

E duvidava do meu amor!...

MARIQUINHAS, prasenteira.

Já não duvido... (Dando-lhe a mão.) Vê...

BAPTISTINHA, tendo beijado a mão de Mariquinhas.

Bem, seductora Omphalia[1]! (Deixando cair o pincenez.) Agora

[1] Devía dizer Ómphale.

que leio no teu roseo —semblante— pallido que aspiras ser a minha desposada, hoje mesmo depositarei aos pés de teu pae os meus arquejantes rogos.

MARIQUINHAS, com pejo.

E... se elle... quizer?...

BAPTISTINHA, com enfase de ternura.

D'aqui á oito dias eu serei mais feliz do que Hero e tu do que Leandro... (Conhecendo o engano, no tom de quem dá desculpa.) Isto é, eu do que Leandro e a snra. do que Hero.

MARIQUINHAS, sentando-se.

Pois, saiba que elle não dirá—não.

BAPTISTINHA, sentado.

Como sabe?

MARIQUINHAS, com mysterio.

Sei...

BAPTISTINHA, com instancia.

Ora... diga! ..

SCENA IV

Os MESMOS e AMELIA, pela direita, trazendo o album.

AMELIA.

Snr. Baptistinha, são realmente os seus versos muito originaes. (Fica em pé na frente de Baptistinha.)

BAPTISTINHA, querendo obsequiar offende com o tom da voz porque diz.

A snra. é uma lisongeira, minha snra...

AMELIA, fingindo agastamento.

Como uma lisongeira?... (Com dignidade.) O snr. me offende!

BAPTISTINHA, em apuros.

Eu... eu quero dizer... (Á Mariquinhas.) Não foi isso D. Mariquinhas, que eu quiz dizer?

MARIQUINHAS.

Eu não vejo em que offenda essa palavra ..

BAPTISTINHA, á Mariquinhas.

A snra. é que comprehende bem os meus pensamentos...

AMELIA, á parte.

Podéra não! (Á Mariquinhas.) Pois, vejo eu offensa, D. Mariquinhas. Lisongeiro ou lisongeira entendo ser o homem ou a mulher que usa de lisonja; lisonja é a affectada e excessiva complacencia com que um falso amigo, por exemplo, louva as prendas ou os feitos, muitas vezes sem merito do amigo, o que é em linguagem vulgar — adulação: e a adulação não é do meu caracter, snr. Baptistinha. (Indo tomar lugar junto da mesa redonda.) Aproveito este pé para fugir d'este tolo. (Vai folheando vagorosamente o album etc.)

BAPTISTINHA, á Amelia.

A snra. comprehendeu mal o fito das minhas palavras.

AMELIA, folheando o album.

Lisongeira seria eu, se, em vez de dizer que os seus versos são originaes, dissesse que...

MARIQUINHAS.

Mas, o snr. Baptistinha não quiz offender.

BAPTISTINHA.

Pelo contrario, eu fiz um elogio... (Á Mariquinhas.) Como a snra. ouviu...

SCENA V

Os Mesmos e O COMMENDADOR, pela porta do fundo.

Veste paletó branco, chapéo de palha do Chili na cabeça, n'uma palavra, a caseira e com decencia, mas com ridicula figura. Traz quatro ou cinco xúxús. — Movimento de Baptistinha, com a entrada do commendador.

O COMMENDADOR, da porta, fallando para fóra.

Pois, diga a menina que fui eu quem mandou cortar. (Entrando em scena.) Não são com os fructos das roseiras trepadeiras que se fazem os guisados.

MARIQUINHAS.

Papae mandou cortar as minhas roseiras? (Fica amuada.)

O COMMENDADOR, sem reparar no que faz, cuidando apertar a mão de Baptistinha entrega-lhe os xúxús; este recebe com ar mais burlesco do que o que deve ter naturalmente.

Como tem passado, meu caro amigo e snr. Baptistinha? (Sem esperar pela resposta, tira o chapéo e toma assento entre os dous.) As tuas (á Mariquinhas) roseiras trepadeiras estão tomando o lugar dos meus xúxús, e tanto eu como tu e creio que o snr. Baptistinha preferimos os guisados dos xúxús aos das rosas...

AMELIA, que ri, reparando no engano do commendador.

E eu tambem, snr. commendador.

O COMMENDADOR.

E a snra. tambem, estou por isso... (Vendo Baptistinha com os xúxús, rindo.) Pois eu (tomando-os e guardando nos bolsos do paletó.) ora forte cabeça... não leve a mal... sujei-lhe as luvas?!

BAPTISTINHA, limpando as luvas com o lenço.

Antes pelo contrário.

MARIQUINHAS, pezarosa.

Minhas pobres roseiras!...

O COMMENDADOR.

Forte pena! e os meus xúxús?!

AMELIA.

Sou da sua opinião, snr. commendador, as roseiras devem dar lugar aos xúxús.

MARIQUINHAS.

Até á snra, D. Amelia?!

O COMMENDADOR.

É porque tem juizo! (Offerecendo rapé a Baptistinha.) Não gasta, snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA.

Não, snr., eu fumo. (O commendador sorve uma pitada e Baptistinha risca phosphoro, accende charuto e vai fumando como se estivesse em sua casa.)

O COMMENDADOR, depois de sorver a pitada.

Minha filha, (á Mariquinhas que parece amuada.) rosas não dão que fazer as panellas, e do que as panellas fazem é que as barrigas vivem. (Á Baptistinha.) O que diz, snr. Baptistinha?

AMELIA, rindo.

O snr. Baptistinha deve pugnar pelas rosas, porque é poeta.

O COMMENDADOR.

Os poetas tambem comem.

AMELIA.

E eu que pensava que elles não comião.

O COMMENDADOR.

Isso é graça sua.

MARIQUINHAS, *á parte.*

E que não tem sal.

O COMMENDADOR.

E demais, eu penso que o snr. Baptistinha quererá ser tudo, menos poeta n'este tempo.

AMELIA.

Mas o snr. Baptistinha escreveu uns versos, *(mostrando o album.)* aqui no album de D. Mariquinhas.

O COMMENDADOR.

Lá por isso *(espalhando com o lenço a fumaça do charuto de Baptistinha.)*, eu tambem, no meu tempo de estudante, escrevi duzias de versos em muitos albuns e nunca fui poeta... *(Caindo em si.)* Não quero negar o merito que todos reconhecem no snr. Baptistinha para a poesia; mas o que digo é que hoje um bom e verdadeiro poeta preferirá certamente que se ignore o seu dom á misturar-se com os poetas que ha... Hoje quem faz uma quadra quer logo ser tido em conta de poeta... *(Á Baptistinha, sorvendo uma pitada.)* Não é do meu vêr, snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA, *com ar de mestre.*

É um facto, snr. commendador. Hoje todos querem ser poetas pela simples razão — de uma quadra.

O COMMENDADOR.

É uma triste mania como outra qualquer. Por mim, em vendo hoje um poeta, estou vendo um casquilho...

AMELIA, á parte, rindo.

O commendador não encherga o snr. Baptistinha...

O COMMENDADOR.

Antigamente os poetas andávão esfarrapados; mas, em compensação, (sorvendo o resto da pitada.) fazião versos janotas. Os de hoje vestem a janotas e fazem versos esfarrapados...

AMELIA.

Assenta-lhe muito bem essa casaca, snr. Baptistinha. (Á parte.) E a carapuça.

BAPTISTINHA.

Não offreço porque não lhe serve, minha snra.

MARIQUINHAS, rindo.

Respondeu ao pé da lettra, snr. Baptistinha.

O COMMENDADOR, sem prestar attenção aos apartes.

Do Bocage, do Gonzaga e nem do Camões, que até tinha um ôlho de menos, não consta que usassem de lunetas. Os poetas de hoje nascem com olhos de toupeira.... (Interrompe-se sorvendo o resto da pitada.)

AMELIA.

Comprou o seu *pincenez* em Londres, snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA, com má vontade.

Na passagem do *Panoramá*.

AMELIA.

Passagem do Panoramá!!! (Reflectindo.) Não conheço. Só se é alguma cidade nova.

MARIQUINHAS, querendo desviár o commendador da conversa.

Agora só falta que papae mande tambem matar o meu mico!...

O COMMENDADOR, sem prestar ouvidos á Mariquinhas.

É o que digo, meu caro snr. Baptistinha. Hoje um poeta é um petitmaitre no trajo e um esfarrapado na poesia. Ou por outra, é sem tirar nem pôr um mico, como o da Mariquinhas, vestido a franceza e fazendo versos.

AMELIA, de pé, indo mostrar disfarçadamente ao commendador o chapéo de Baptistinha.

O snr. commendador já viu d'estes chapéos que têm um espelhinho no fundo?

O COMMENDADOR, recebendo e mirando o chapéo.

Ora... ora... até no fundo dos chapéos já trazem espelhos... (Caindo em si e reparando ser o chapéo de Baptistinha.) É verdade que assim poupão o tempo que perdem em casa dos cabelleireiros... (Passa o chapéo para Mariquinhas. — Amelia volta a sua posição.)

MARIQUINHAS, mirando o chapéo.

É bem bonito. (Põe-n-o na cadeira mais proxima.)

O COMMENDADOR.

Poetas!... Os poetas de outr'ora cantávão os grandes heroes e suas acções. (recitando.) —*As armas e os barões assignalados:*— e não andávão lá choramingando de noite e de dia amores e azedumes...

MARIQUINHAS, com enfado.

Papae hoje não falla mais n'outra cousa!

O COMMENDADOR, burlesco.

Não falla mais n'outra cousa! Diga em que quer que falle?

MARIQUINHAS, mais enfadada.

E mesmo...

BAPTISTINHA, com espirito forçado.

O snr. commendador desenvolve bem...

AMELIA, á parte.

Aquillo é peta. (Ao commendador.) Já leu esta quadra, snr. commendador? (Lendo no album.)

A pallidez do teu rosto,
Dos teus labios o rubor,
É como um véo de neblina
Estendido sôbre a flôr!

É uma quadra do snr. Baptistinha.

BAPTISTINHA, senhor de si.

Escrevi-a ao correr da penna.

O COMMENDADOR, tossindo sufocado com uma fumaça do charuto de Baptistinha.

Bem linda... tem um trocadilho... de palavras. . de que... gosto muito... (Tosse, etc.)

AMELIA.

Snr. Baptistinha, está admittido o uso dos charutos nas salas de Pariz?

MARIQUINHAS.

Ora que pergunta, D. Amelia!...

BAPTISTINHA, á parte.

Positivamente não a-namoro. (Á Amelia, rindo.) A snra. quer dizer — nos salões...

O COMMENDADOR, tossindo ainda.

Hoje o fumo entra por toda parte.

BAPTISTINHA.

Pois não! (Ditando uma opinião.) O fumo é a atmosphera do seculo!

AMELIA, rindo, á Mariquinhas.

D. Mariquinhas, prepare-se para uma eterna cóqueluche. (Ao commendador.) Snr. commendador, ouça agora isto. (Lendo.)

Na matinal innocencia
Da madrugada de amôr...

O COMMENDADOR, á Baptistinha.

Ouça aquillo...

AMELIA, continuando.

Tu bebes o sol d'aurora
Das asas de um beijaflôr!...

O COMMENDADOR, rindo.

Ora que chusma de asneiras — matinal innocencia... madrugada... do que? (Rindo.) Madrugando estava o auctor... Melhor do que isso faz qualquer tapuya do Amasonas em se lhe dando aguardente... Aqui vai uma quadra, que não troco por essa, improvisada na minha presença, por um que na occasião já não era snr. da cabeça. (Recitando, chulo.)

Atirei comigo ao rio
Com tenção de me afogar,
Os peixes dissérão — rua —
Vossê não sabe nadar.

AMELIA, rindo.

O snr. commendador é muito critico! Esta quadra é tambem do snr. Baptistinha.

MARIQUINHAS, com raiva.

E que está muito bemfeita.

O COMMENDADOR, atrapalhado.

Ora, a snra... vejo que quer brincar... Ainda não per-

deu o costume... D. Amelia... Não leu direito... leia outra vez... leia...

AMELIA, lendo mais compassadamente.

Na matinal innocencia...

O COMMENDADOR, approvando com a cabeça.

Matinal innocencia... sim, snra...

AMELIA, lendo.

Da madrugada de amôr...

O COMMENDADOR.

Bem, agora já é outra cousa.

AMELIA, lendo.

Tu bebes o sol d'aurora...

O COMMENDADOR.

Ah! mas, a snra. disse primeiro — sol na aurora. . Eu logo vi...

AMELIA, finalisando.

Das asas de um beijaflôr!

O COMMENDADOR.

Sim, snra. está em ordem. (Recitando.)

Tu bebes o sol d'aurora,

(Fallando) e não —na aurora, como a snra. tinha dito, (Recita.)

Das asas,

(Fallando) E não — nas azas, como disse tambem primeiro. (Finalisando o verso.)

De um beijaflôr!

Não tem o que se lhe note.

AMELIA.

Seja; mas não entendo o pensamento...

O COMMENDADOR.

Qual pensamento, snra? a poesia é muito livre...

MARIQUINHAS.

Tanto assim, que sempre ouvi dizer—é liberdade poetica.

BAPTISTINHA.

E é uma cousa muito sabida.

O COMMENDADOR.

Pois não é?! Outros não dizem cabellos do sol, manto da lua, sorriso das estrellas... Na poesia a liberdade é que brilha... (Outro tom.) É verdade, snr. Baptistinha, tem noticias do snr. seu pae?

AMELIA, á parte.

É debalde, a partida do snr. Duarte está perdida. (Vai triste e contrariada para uma das janellas, e de lá observa disfarçadamente a Baptistinha e o commendador.

BAPTISTINHA, ao commendador.

Ainda hontem recebi uma carta em resposta a outra que lhe escrevi, tratando do mais importante negocio da minha vida, e que está agora dependente do snr. commendador...

O COMMENDADOR.

Dependente de mim! que negocio?

BAPTISTINHA, apresentando a carta; Mariquinhas cheia de pejo vai ter com Amelia.

O snr. commendador, lendo esta carta, saberá melhor. (Dá a carta.)

O COMMENDADOR, depois de lêr a carta para si.

Meu caro amigo, snr. Baptistinha, é um caso inespe-

rado. Por mim, tambem tenho as pessoas (*orvendo uma pitada.*) da familia do snr. seu pae em estima muito particular. (*Dando a carta. — Ambos de pé.*) Vamos até o meu gabinete, quero na sua presença consultar a vontade de minha filha ; querendo ella, está concluido o negocio .. (*Vendo Amelia que sahe da janella, disfarça fazendo por um accêno a Baptistinha comprehender que disfarça por causa de Amelia.*) Eu n'esse terreno tenho muito pequena parte, o proprietario é outro. Vou procurar os papeis. (*Á Mariquinhas que sahe n'esse momento da janella.*) Mariquinhas preciso das chaves que guardaste da secretária... (*Á Baptistinha.*) Sem ceremonia, meu amigo, a casa é sua... (*Á Amelia.*) D. Amelia, nós já voltamos... toque um pouco de piano... (*O commendador leva o chapéo na mão e deixa a caixa de rapé; sahem pela direita, Baptistinha adiante, em seguida Mariquinhas como envergonhada, e o commendador no fim.*)

SCENA VI

AMELIA, só.

Ora, snr. commendador, faça melhor idéa da gente! (*Vai assentar-se ao piano, e toma posição de quem vai tocar.*) Com que então... (*Faz soar levemente e sem arte uma ou outra tecla.*) Trata-se de uns terrenos... Vá, D. Mariquinhas, vá dar as chaves da secretária do seu pae... (*Ao piano, cantarolando.*)

E o rei disse á rainha,
E a rainha disse ao rei...

(*Depois de breve pausa.*) Um tolo sempre acha dous mais tolos que o-admirem, isso é que é verdade!... (*Ao piano.*)

E o rei disse á rainha,
E a rainha disse ao rei.

SCENA VII

A Mesma e DUARTE, pela porta do fundo.

Duarte traja sem arte mas com decencia; traz um chapéo de sol. Entra sem fazer ruido e ouve o que diz Amelia á dous passos de distancia.

AMELIA, depois de cantarolar.

O dinheiro e o patchouly! o dinheiro e as luvas de Jouvin! o dinheiro e o pincenez!... qualquer d'estes titulos era bem cabido n'uma comedia, que mostrasse a nullidade do talento aos olhos de um commendador e de uma D. Mariquinhas!...

DUARTE, tocando-lhe nos hombros.

Aproveito a lembrança...

AMELIA, surpreza.

Ah!

DUARTE.

Para escrever um folhetim.

AMELIA.

Sabe quem está ahi?

DUARTE, rindo.

O meu competidor.

AMELIA.

É verdade. Tive a honra de conhecel-o hoje.

DUARTE.

Que lhe parece?

AMELIA, de pé.

Um gafanhoto metamorphoseado em vidrinho de cheiro, mas não de cristal...

DUARTE, pondo os chapéos de sol e da cabeça emcima do piano, e tomando familiarmente o lugar de Amelia no mocho.

E por quem minha prima está loucamente apaixonada!

AMELIA, tomando uma cadeira.

Cegamente é melhor. É debalde, nem o motejo nos póde servir. Aos olhos do commendador não ha motejo que ridicularize o dinheiro; aos de sua prima não ha nada ácima...

DUARTE, rindo.

De um figurino!... tem razão.

AMELIA.

Diante d'elles o snr. é tão antipathico como o perfumado Baptistinha diante dos nossos. Ella não póde tolerar a seriedade do seu trajo, o desalinho dos seus cabellos, a falta do *pincenez*, das luvas, da bengalinha, dos bigodinhos tirando á anzol...

DUARTE, rindo.

E do rescender de patchouly que tresande!

AMELIA.

Leu o seu bilhete com enfado, decorou-lhe as palavras por zombaria, porque o snr. desprezou o estylo amatorio e, de mais a mais, não teve a idéa de escrever...

DUARTE, com ironia.

N'uma folha de papel bordado, d'essas que levão á margem o coração do infeliz traspassado por uma enorme frecha. (Serio.) Já estou bem convencido, D. Amelia, que minha prima pertence ao grande numero d'essas moças levianas; devotas do futil preferem as banalidades e visagens dos manequins infatuados que passeião pelas nossas

ruas ou vão dançar nos clubs á seriedade do merito ou cousa que o-valha...

AMELIA, com mágoa.

Tenho pena em concordar, mas é uma triste verdade... (Fica triste.)

DUARTE, depois de breve pausa.

Deixal-a... ora, adeus... Amei-a com toda a pureza do meu espirito... Era um amor doce... não sei porque... por aberração da natureza, talvez. Na falta de phrases ridiculamente alambicadas com que revelasse essa affeição intima, ou desvario da minha cabeça, revelei sempre com as expressões da verdade... Sou um ridiculo, portanto... um moço que não manda frisar os cabellos .. um excentrico... (rindo.) e o que mais?

AMELIA.

E o que mais? É que n'este instante seu tio dá o consentimento. Creio que o pae concordou com a vontade do manequin. Vi-o dar a seu tio para lêr uma carta e lá forão todos tres para o gabinete...

DUARTE.

Capitulão, não resta dúvida...

AMELIA.

Eu só sinto...

DUARTE.

Obrigado, D. Amelia, mas não vale a pena. Vemos que minha prima não comprehende o que é amor e n'esse caso eu não podia ser feliz... (Com esforço.) Já não a-amo... amarei a mulher que me comprehenda. Ave que não achou pouso n'um ramo, por ser fragil, poderá encontrar ramo mais forte... Não é?... Todavia, tenho dó de minha

prima; quando tiver juiso ha de sem dúvida ter vergonha de semelhante marido...

AMELIA.

Oh! se ha de!...

DUARTE.

Deus permitta que ella nunca o-tenha, é o maior bem que lhe pódemos desejar....

AMELIA.

Mas, emfim, ainda D. Mariquinhas vá, mas seu tio, snr. Duarte...

DUARTE.

Eu lhe digo; meu tio não é um máo homem, no rigor da palavra... tomou o habito do seculo,—rende culto ao dinheiro e por isso ama-o mais do que a sua propria filha: o dinheiro é um idolo milagroso, faz impossiveis... dá felicidades... prefere, portanto — o dinheiro sem homem á um homem sem dinheiro... terá razão... (Fazendo soar as teclas do piano estovadamente.) Viva a fortuna! (De pé.) Seu marido estará em casa?

AMELIA, tambem de pé.

Deve estar, elle hoje não sahiu.

DUARTE, pegando o chapéo de pello e, como esquecido, deixando ficar o de sol.

Vou vel-o... (Como quem sente um ameaço de vertigem; segura-se ao piano, etc.)

AMELIA, com susto.

Meu Deus... (Tomando a mão de Duarte.) Está tão pallido!

DUARTE, sacudindo a cabeça.

Não é nada... (Natural.) Como estremece a planta quando

lhe cáe uma flôr... (Levando a mão ao peito sem esforço.) estremece o espirito quando lhe morre uma affeição... (Calmo.) Foi o amor que morreu... (Animado.) Já passou. (Toma o braço de Amelia.)

AMELIA.

Entretanto... ainda vou teimar.

DUARTE.

Pelo amor de Deus! nem mais uma palavra a semelhante respeito. Está tudo acabado. Já temei bastante, a snra. o-sabe, agora fôra tambem vilania. Não fallemos mais n'isso... (Vão sahindo pela porta do fundo.) Vamos até o ·ortão... já sabe que mandei imprimir...

SCENA VIII

O COMMENDADOR, só, pela direita, vêm a procura da caixa de rapé; tendo encontrado.

O homem está illudido... (Sorvendo uma pitada.) Figura as hypothesis dos meus teres pela apparencia!... (Reflectindo.) sim snr.! agora é aviar a festa... (Sorvendo o resto da pitada.) Não ha nada como a impostura... (Indo a sahir.)

SCENA IX

O MESMO e AMELIA, pelo fundo.

AMELIA.

D. Mariquinhas... (Encontrando o commendador que suspende os passos.) Ah! snr. commendador, sabe onde está D. Mariquinhas.

O COMMENDADOR.

Deve andar pelo jardim... com o seu... (Depressa.) Com o snr. Baptistinha.

AMELIA, tomando a frente ao commendador que parece contrariado.

Ou com o seu...

O COMMENDADOR.

Com o seu o que D. Amelia?

AMELIA, rindo.

V. S. é que ia dizendo.

O COMMENDADOR.

Eu disse com o snr. Baptistinha.

AMELIA, rindo.

Isso mesmo!... pois, não foi?

O COMMENDADOR, depois de reflectir.

Não entendo... (Vai vagarosamente até a mesa redonda.)

AMELIA, ao lado do commendador.

O snr. commendador, de generoso que é, quando me vê, esquece que trata com uma devedora...

O COMMENDADOR, sentando-se machinalmente junto a mesa e tomando a bengalinha de Baptistinha; fica brincando com ella e parece não prestar attenção ao que diz Amelia.

Tá tá tá! a snra. não me deve nada, D. Amelia.

AMELIA, sentando-se no mocho do piano.

Devo-lhe muito, snr. commendador. Reconheço a divida de meu marido e tomo parte na sua gratidão. Mas, (com resentimento), quizera que o nosso credor me fizesse, (mostrando a ponta de um dedo.) este bocadinho de justiça...

O COMMENDADOR.

Eu ainda não comprehendi...

AMELIA.

Quizera que V. S. acreditasse, por uma vez, que, por direito de gratidão, tem em mim uma segunda filha...

O COMMENDADOR, mirando a bengalinha.

Reconheço isso, D. Amelia, e sou-lhe muito obrigado.

AMELIA.

Perdoe-me, snr. commendador; não reconhece tal, ou então esquece que reconhece...

O COMMENDADOR, burlesco, fitando Amelia.

Não reconhece tal... então esquece que reconhece... estou em colicas, palavra de honra, falle D. Amelia...

AMELIA.

Se o snr. commendador visse em mim uma segunda filha, viria tambem uma irman de D. Mariquinhas...

O COMMENDADOR, mirando attentamente a bengalinha.

Vejo tudo isso... pois, não vejo?

AMELIA.

E, se assim fôsse, quando se tratasse do casamento de D. Mariquinhas, a pobre Amelia sería contemplada no conselho de familia...

O COMMENDADOR, com admiração.

Então, já sabe?

AMELIA, sentida.

Fôra preciso ser cega ou surda, ou, então, muito indifferente á felicidade futura de uma irman.

O COMMENDADOR, mirando a bengalinha.

É verdade, D. Amelia... (Custando.) Mariquinhas foi ha instantes pedida em casamento, pelo filho do meu velho e distincto amigo...

AMELIA, interrompendo-o.

Pelo snr. Baptistinha.

O COMMENDADOR, fitando Amelia.

Ouça que digo ha instantes... guardava a surpreza para hoje a noite, na mesa do chá... ou outro dia...

AMELIA.

E não pensou que seria uma surpreza desagradavel?!...

O COMMENDADOR.

Desagradavel, porque? (Á parte.) Querem vêr... não póde ser, ella é casada...

AMELIA, depois de breve silencio.

Porque todo o parecer que, por ventura, eu desse a respeito, já seria inutil.

O COMMENDADOR.

Quando, por ventura... sim... quando a escôlha fôsse mal feita... e eu penso...

AMELIA.

Talvez, pense mal, snr. commendador. Do seu lado bem póde ser que a escôlha fôsse bem feita, mas do lado de D. Mariquinhas, não.

O COMMENDADOR.

E esta!... então porque?

AMELIA.

Porque o coração de D. Mariquinhas ainda não amou o homem que deve ser seu marido... seus olhos apenas, como os de uma criança, são seduzidos...

O COMMENDADOR.

Perdão! a snra. sabe que Mariquinhas está completando 18 annos, já tem uso de razão...

AMELIA.

Quem sabe! Nós, as vezes, as mulheres, n'essa idade e muitas com maior numero de annos, ainda temos espirito de crianças... não reflectimos... não consideramos... gostamos do ouropel. . do pueril... das borboletas, emfim...

O COMMENDADOR.

Mas, Mariquinhas não está n'esse caso, e nem o snr. Baptistinha é borboleta. (Mira a bengalinha.)

AMELIA.

Por mim, não o-quizéra para marido. Affigura-se-me que me amaria com o mesmo descôco com que ama essa bengalinha, por exemplo.

O COMMENDADOR.

Vejo que a snra. implicou com o bom do moço.

AMELIA.

Não, snr. Elle não tem culpa de ser frivolo...

O COMMENDADOR.

Não diga isso, por quem é! A snra. não desculpa a idade do rapaz... É moço, gosta de trajar bem, tem pósses para fazel-o, deixal-o. Os annos virão pouco a pouco...

AMELIA.

O que a natureza não deu, snr. commendador, tarde, ou nunca os annos conseguem. O snr. Baptistinha só tem um merito, e esse mesmo fallivel, é o de ter dinheiro. . mas, o dinheiro, mais tarde, com todos os seus milagres não terá fôrças para curar o arrependimento de D. Mariquinhas.

O COMMENDADOR.

Quem ouvir a snra. fallar assim, cuidará que eu acon-

selho minha filha para casar com este ou com aquelle... Pois, não snra. Eu n'estes casos não olho interesses, ouço as vontades, vejo as inclinações... Ella quer, diz ter e eu vejo com olhos de pae, inclinação para esse moço; do seu lado, elle quer tambem, é da sua inclinação, não é nenhum valdivinos, não sei porque repudial-o...

AMELIA.

Mas, ha outro que tambem quer, que tambem tem inclinação...

O COMMENDADOR, interrompendo-a.

É o Duarte.

AMELIA.

O primo de D. Mariquinhas...

O COMMENDADOR.

Por quem ella não tem inclinação alguma...

AMELIA.

Porque ella ainda não vê...

O COMMENDADOR.

Lá pelo que é não sei; sei que não tenho culpa d'isso e que não hei de obrigal-a.

AMELIA.

Se V. S. quizesse, como pae que é, fazer vêr a D. Mariquinhas, que o snr. Duarte é digno d'ella, que o que no snr. Baptistinha sobra em teteyas, em seu sobrinho sobra em talento...

O COMMENDADOR.

Não, lá isso não. Dizer mal de um e bem de outro seria preferir Paulo a Pedro. Lá se o Duarte é digno d'ella, o snr. Baptistinha tambem é; ella escolheu o segundo.

AMELIA.

Mas o primeiro é mais antigo...

O COMMENDADOR.

Isso não vem ao caso, e se vier é contra Duarte, por isso que Mariquinhas nunca correspondeu aos seus desejos. Ainda hontem mostrando-lhe a carta em que elle m'apede em casamento, ficou enfezada, bateu com os pés gritando e clamando que prefere ir morrer n'um convento á casar com o primo. E isto diz ella sempre.

AMELIA, á parte.

É debalde! (Fica pensativa.)

O COMMENDADOR, pondo ageito diante dos olhos o castão da bengalinha e como que dando com uma photographia microscopica.

Aqui ha cousa dentro... é uma photographia... (Procurando a luz de pé, dando as costas a Amelia.) Ora se he... he... he... vejo um pé... e uma cabeça... tambem... não... não. . duas... duas... são... são... duas... (Tira os olhos depressa, exclamando burlesco, com ar de riso e espanto.) Que... que... patifaria!... (Fica em posição comica olhando de esguelha a bengalinha.)

AMELIA, erguendo a cabeça.

O que é snr. commendador?

O COMMENDADOR, desconfiado, sahindo da posição.

Não é nada, D. Amelia... (Sorvendo uma pitada. — Á parte.) Se sabe tem mais um pé contra o rapaz... vou guardar...

AMELIA, de pé.

Como diziamos, snr. commendador...

O COMMENDADOR.

Tenha paciencia, D. Amelia, eu já volto... (Mostrando a

caixa de rapé.) Vou encher a caixa. (Sahe pela direita, levando a bengalinha.)

SCENA X

AMELIA, só, seguindo com os olhos a direcção do commendador.

Vá, snr. commendador... vá... (Depois de breve pausa; sahindo pelo fundo.) Gabo-lhe o gôsto! vai ter por genro (esbarrando com Baptistinha que entra.), um gafanhoto que veio de Pariz...

SCENA XI

AMELIA e BAPTISTINHA, já não calça as luvas; traz ao peito, na casa da casaca, um botão de rosa.

BAPTISTINHA.

Gafanhoto que veio de Pariz! a snra. parece que falla comigo!

AMELIA, medindo Baptistinha d'alto abaixo, rindo com escarneo. Á parte.

Pela primeira vez, não disse uma bernardice. (Sahe.)

SCENA XII

BAPTISTINHA, só, da porta para fóra.

Gafanhoto é a snra... (Entrando.) Olhem quem falla... (Em scena.) Ella não está zangada porque eu a-chamasse de lisongeira e sim porque não fisguei o namoro...

Nem que eu pódesse namorar a todas!... (Assentando-se no canapé cruza as pernas, etc..) Agora é tarde, minha rica, já estou compromettido... e justamente com a mesma pessoa de quem a snra. tem quebrado a cabeça contra mim... D. Mariquinhas contou-me tudo... Depois que vim da Europa, é isto todos os dias!... Já em Pariz foi o mesmo... era eu pôr os pés na rua... (Afinando a voz e pronunciando mal as palavras francezas.) *Tiens!* dizia uma, *comme les moustaches de ce monsieur sont jolies...* (Torce os bigodinhos.) Adiante, era já outra dizendo a companheira; *Nini, ce petit est Espagnol sans doute; regarde, que ses yeux sont beaux et noirs!...* Estavão todas em cima de mim, em eu apparecendo, como se eu fôsse algum contrabando! (Vendo Manoel Minhoto que espia por uma das janellas.) Entre sô Minhoto, não ha ninguem. (Á parte.) Até elle não me deixa mais, por saber que vim da Europa.

SCENA XIII

BAPTISTINHA e MANOEL MINHOTO, pelo fundo.

Veste uma grande jaqueta; chapéo de palha ordinaria na mão, etc., etc. Dá muitas vezes com as mãos quando falla : sotaque minhoto.

MANOEL MINHOTO, entrando receioso.

Sabe do patrão?

BAPTISTINHA.

Está, sem dúvida, no gabinete; elle disse que ia escrever a papae. Não tenha susto, sô Minhoto, D. Mariquinhas está no seu toilette, porque nós vamos hoje ao theatro. A amiga d'ella está mal comigo, de inveja .. vossê já sabe?...

MANOEL MINHOTO, em scena, etc.

Tambem é só uma perguntinha... V. S. esteve tambem em Pariz?

BAPTISTINHA.

Podéra não! então eu havia de ir a Europa para não ir a Pariz?

MANOEL MINHOTO.

Ora, que fortuna! (Dando com o chapéo, etc.) Aquillo é grande. . é... é bonito... hêm?

BAPTISTINHA.

É a maior cidade do universo, sô Minhoto.

MANOEL MINHOTO.

Chi...

BAPTISTINHA.

Só de estatuas grandes contei mil e novecentas, fóra as pequenas que não metti em conta... (Á parte.) Não fôrão tantas, mas mil e quinhentas, pela menos. (Á Manoel.) Ah! sô Minhoto, e a columna do Vendôme, vossê já ouviu fallar n'ella?

MANOEL MINHOTO.

Columna do... o que?

BAPTISTINHA.

Do Vendôme... Um general que brigou com o rei dos francezes, o Napoleão... Essa columna tem quinhentas e vinte braças de altura!

MANOEL MINHOTO, elevando os braços.

Quinhentas e vinte braças!

BAPTISTINHA.

Quinhentas e vinte, sô Minhoto. (Á parte.) Dou vinte por minha conta.

MANOEL MINHOTO.

Jesú! é mais alta do que o corcovado emcima do pão de assucar e mais a gaiva emcima do corcovado!

BAPTISTINHA, certo do que affirma.

Muito mais...

MANOEL MINHOTO.

Diga-me cá V. S. Passou pelo Minho?

BAPTISTINHA, escarnecendo.

Que pergunta só Minhoto! pois eu não tinha mais o que fazer...

MANOEL MINHOTO, desapontado.

O que, homem! pois vossê foi vêr Pariz e não foi vêr o Minho!... Vossê não sabe o que perdeu... Eu quizera que V. S. visse o Minho, só visto, digo-lhe, só visto! (Beijando os dedos.) Olhe... aquillo é que é terra...

BAPTISTINHA, rindo, á parte.

Que animal! (Á Manoel.) Ha de ser *chic*, ha de ser *chic*...

MANOEL MINHOTO, escandalisado.

Qual *chico* nem pera *chico*, diga de espavento, que ainda não me enche as medidas! (Com pena.) Ora... ora... pois, V. S. vai a Pariz e não vai ao Minho...

BAPTISTINHA, rindo.

Ha de ser de espavento... uma villa na Hespanha...

MANOEL MINHOTO, com fôrça, rindo.

O que diz, homem! pois o Minho está na Hespanha? (Mostra esquecer completamente o lugar onde está.)

BAPTISTINHA, persuadido.

Sim, na Hespanha...

MANOEL MINHOTO, rindo.

O Minho?

BAPTISTINHA, firme.

O Minho, sim!

MANOEL MINHOTO, serio.

Quem lh'o-disse?

BAPTISTINHA, mais firme ainda.

Digo-lhe eu.

MANOEL MINHOTO, enraivecido.

E eu digo-lhe que mente, ouviu? Digo-lhe eu que sou filho da terra.

BAPTISTINHA, amuando.

Vossê é um...

MANOEL MINHOTO, cego de raiva.

Um... um... está vossê a tragar as palavras... diga de uma vez...

BAPTISTINHA, com fôrça.

É um animal! quer negar que é portuguez!

MANOEL MINHOTO, que vai percebendo mais ou menos a ignorancia de Baptistinha.

Quem é que diz aqui não ser portuguez? Não lhe estou dizendo que sou filho do Minho cujo é terra de Portugal?

BAPTISTINHA, enfadado.

Não me aborreça homem! quer vossê saber mais geographia do que eu que viajei!

MANOEL MINHOTO.

Qual geographia, qual viajei! não ha de ser por isso que me porá o Minho fóra do seu lugar.

BAPTISTINHA, enfadado no rigor da palavra.

Vossê não sabe o que diz... é um bruto...

MANOEL MINHOTO, snr. de si.

Está bom... não vamos a zangar... (Á parte, querendo sahir.) Bruto... olhem quem m'o-chama! Olha que se tu estiveras n'outro sitio... (Vai até a porta, e depois volta; risonho e humilde.) Então V. S. diz que sou bruto!

BAPTISTINHA, dando de si com a humildade de Manoel.

Vossê não póde negar... mostre se é capaz o seu nariz... ande lá... mostre ..

MANOEL MINHOTO, prasenteiro.

E se eu mostral-o?

BAPTISTINHA.

Mostre...

MANOEL MINHOTO.

E se eu mostral-o?

BAPTISTINHA, riscando phosphoro e accendendo um charuto. Á parte.

E nega... (Á Manoel.) Dou-lhe (mostrando a charuteira.) um charuto de Havana.

MANOEL MINHOTO.

Guarde lá V. S. o seu havana, se eu mostrar o nariz deixe que faça outra pergunta.

BAPTISTINHA, fumando e imitando com zombaria o sotaque de Manoel.

San, *sinhóres*, sô Minhoto, *ba* dito.

MANOEL MINHOTO.

E quando V. S. não n-a responda, deixará tambem que o Minhoto ria fazendo assim... (levando o dedo pollegar ao nariz como fazem os garotos, etc.) para V. S.

BAPTISTINHA, á parte.

Quero disfructal-o .. (Á Manoel.) Dito.

MANOEL MINHOTO.

Está dito?

BAPTISTINHA.

Dito.

MANOEL MINHOTO, mudando de posição; com respeito e amabilidade.

Ora pois, muito bem. V. S. que andou lá pelas Europas, responda lá, se é capaz, porque é que os burricos tem orelhas grandes? Com licença de quem me ouve...

BAPTISTINHA.

Ora... ora...

MANOEL MINHOTO, rindo.

Hêm?

BAPTISTINHA.

Está visto que é porque crescem...

MANOEL MINHOTO.

Boas! não sabe! E aqui está o Manoel Minhoto, que não foi a Pariz, fazendo assim, (faz como disse.) para V. S.

BAPTISTINHA.

Então porque é? (Á parte.) Que animal

MANOEL MINHOTO, magistral.

Vai a razão; é porque no principio do mundo (dando com o chapéo para Baptistinha.) os animaes não tinhão nome; de modos que o Adão, que era o rei (dando com o chapéo.) dos animaes e que foi o primeiro pae de V. S., quando chamava o gato, vinha o ouriço cacheiro, quando chamava (dando com o chapéo.) a zebra vinha ainda o mesmo gato ou o mesmo ouriço, ou o primeiro da bicharia que lhe ouvisse a voz, e assim por diante. Vai em um bom dia teve a lembrança de dar a todos elles o seu nome proprio para obstar o engano. Para o caso, pol-os todos enfileirados e foi baptisando uns e outros. Ao depois, perguntava a cada qual, para certificar-se se tinha decorado o nome. Tu como te chamas? respondia o leão (em tom de quem responde.) leão. Tu como te chamas? respondia o gato — gato. Tu como te chamas? respondia o camello (dando com o chapéo.) — camello. E *et cætera*. Mas, quando chegava a vez do burrico responder, respondia este — eu já me esqueci. (Dando com o chapéo.) Burrico, — tornava o homem. Depois, dava uma voltinha e tornava á pergunta; como te chamas? E o animal com a mesma resposta — já me esqueci. Foi subindo a mostarda ao nariz da creatura e de cada vez que perguntava pelo nome ao burrico e que elle respondia — já me esqueci, puxava-lhe as orelhas, gritando-lhe aos ouvidos, (chegando-se aos ouvidos de Baptistinha.) com sua licença d'este modo : (Gritando.) burrico. (Baptistinha foge com o corpo, etc.) E de tantas puxadellas de orelhas precisou levar o burrico até que decorasse o nome que ficou (dando com o chapéo.) orelhudo como todos vemos. É, ou não é, razão?

(Baptistinha faz cara de que não comprehendeu o caso. — Manoel fica em silencio; depois desata tres ou quatro gargalhadas, apontando com o dedo, como disse, para Baptistinha, e vai sahindo de frente; rindo.)

BAPTISTINHA, a Manoel Minhoto que deita a cabeça por uma das janellas, e continúa a rir-se.

Já li a sua anecdota, sô Minhoto...

MANOEL MINHOTO, desapparecendo, rindo.

Tomei uma fartadella... tomei uma fartadella!...

SCENA XIV

BAPTISTINHA, só.

Mal sabe elle que, quando muito tardar, d'aqui á quinze dias verá em mim um segundo patrão... (Reclinando-se a vontade no canapé; continúa a fumar.) Não é nada!,. estou em vespera de ser pae de familia e senhor de uma mulher!... As minhas namoradas hão de dar o cavaco, principalmente a Luizinha de S. Chrystovão, ella então que estava tão ferrada ao namoro! Eu tenho pena... mas, como hei de contentar a todas, se o paiz não consente que eu casase senão com uma?! continuarei a namorar, é o mais que posso fazer, por passa-tempo, já se sabe... (Meio arroubado, beijando o botão de rosa.) Assim como beijo este botão de rosa, assim beijarei a minha formosa esposa!... Que delicias! que doçura! e que satisfação! (Fuma.) E como será poetico quando eu mandar fazer uma cascata como a que vi no *Boa de Bolonha*, mesmo onde está a latada dos xúxús[1]? O commendador não gostará da idéa... que não goste... se elle gosta dos xúxús, eu gósto das cascatas!... (Fuma; mais arroubado.) Como a gente se inspira ao sonoro murmurar das aniladas águas gementes sôbre

[1] O auctor não se responsabiliza pelas construcções grammaticaes do snr. Baptistinha.

as innocentes pedras ao descambar do astro do dia?! E com uma casta esposa ao lado com doçura e pureza alisando os cabellos do terno esposo, com a sua mão de veludo-que se engolpha no oceano da poesia?! Ou, então, lendo um romance para elle ouvir com aquella voz de melodia que acalanta o incessante coração e mette inveja as aves que dizem nos ramos dos arvoredos « quem me dera que eu tivesse uma voz como aquella?... » (Fuma.) E depois apreciando o charuto e tomando uma chavena de café, que faz adejar pelo *limitado e infinito* espaço o pensamento humano?!... (Breve pausa em que fica fumando como no auge do arroubo; depois vai a uma das janellas, deita o charuto fóra e volta logo a tomar assento junto a mesa redonda.) Então, sim, darei ao lume os meus dous volumes de poesias e talvez tres ou quatro romances... fóra alguns dramas... (Assenta-se e tomando o livro que Mariquinhas folheava na primeira scena, lê com desdem.) *Atala* (Pronuncia breve.) por (custando.) Cha... Chateau... briand... Chateaubriand! eu já comi alguma cousa com este nome... Ah! sim! foi em Pariz, no *Café inglez*, uns bifes que lá fazião de vitela! (Deixando o livro.) Este sujeito talvez fôsse o inventor...

SCENA XV

O Mesmo, O COMMENDADOR e MARIQUINHAS, pela direita.

Mariquinhas vem vestida para sahir; assenta-se perto de Baptistinha, e o commendador no canapé.

O COMMENDADOR, entrando.

Sósinho, meu caro amigo? (Á Mariquinhas.) Que é de D. Amelia, Mariquinhas?

MARIQUINHAS, chegando a uma das janellas e olhando para o jardim.

Lá vem ella... anda pelo jardim.

BAPTISTINHA, ao commendador que já está assentado.

Ella está amuada comigo...

O COMMENDADOR, sorvendo uma pitada.

Não faça caso, são arrufos de moça... (Á parte.) Ella não gosta d'elle, isso é verdade.

MARIQUINHAS, tomando assento junto de Baptistinha.

E de mais, D. Amelia não tem razão.

SCENA XVI

Os Mesmos e AMELIA, pelo fundo; traz algumas flôres, etc.

AMELIA, entrando.

Já começa a chuviscar... (Vai tomar lugar junto ao piano.) Estava uma tarde tão linda...

MARIQUINHAS, contrariada.

É sempre isto, quando tenho de sahir — chove.

BAPTISTINHA, olhando com ternura para Mariquinhas.

É para isso que o commendador tem carro.

AMELIA.

Vai sahir, D. Mariquinhas?

O COMMENDADOR.

Vamos ao Lyrico, a snra. não quer ir?

AMELIA.

Hoje não posso, snr. commendador; meu marido está adoentado... (Pondo as flôres emcima do piano e dando com o chapéo de sol de Duarte; tomando-o.) O snr. Duarte esqueceu o chapéo de sol... (De pé.) Vou mandar leval-o...

O COMMENDADOR.

O Duarte esteve aqui?

AMELIA.

Sim, snr.; mas sahiu logo, como V. S. estava occupado... Foi ter com meu marido... (Dá alguns passos para sahir.)

BAPTISTINHA.

Ha muito tempo que não vejo esse moço, elle ainda é jornalista?

AMELIA, retrocedendo.

Sim, snr. ainda é. (Perto de Baptistinha.) O snr. Baptistinha, que idéa forma dos jornalistas!

BAPTISTINHA, desdenhoso, depois de reflectir.

Homem, eu quando estive na Europa, no Theatro-Francez, em Pariz, representavão um drama intitulado o *Filho do Giboyer*, cujo personagem principal era um jornalista pobre que vendia a penna, e de hora em hora mudava de opinião para sustentar um filho; depois que vi essa comedia nunca mais tive os jornalistas em boa conta...

AMELIA, rindo.

Era drama ou comedia? O snr. disse drama e depois comedia!

MARIQUINHAS, á parte

Quer mostrar que sabe muito...

BAPTISTINHA, com tom magistral.

Drama ou comedia, o caso é que os jornalistas são todos uns avariados.

O COMMENDADOR.

Sou da sua opinião, snr. Baptistinha, tambem não tenho em boa conta os jornalistas. Não dou credito ao que dizem. Todos elles óbrão justamente o contrário do que apregoão e vergão diante do *venha a nós*... com a maior facilidade do mundo. (Duarte apparece na porta do fundo, vai a entrar e recua ouvindo o seu nome; ouve da porta, sem ser percebido, o que diz o commendador.) Meu sobrinho Duarte ha de vêr, que já virou a casaca com o empreguito que lhe derão... (Movimento de indignação de Duarte.)

AMELIA, com indignação dando dous passos para o commendador.)

Snr. commendador, seu sobrinho o emprego que hoje tem deve a si, a seus esforços e trabalho!... V. S. sabe que esse emprego foi tirado em concurso! ..

O COMMENDADOR.

Qual concurso, deixe-se d'isso, D. Amelia, nos concursos tambem ha patronato. Quer a snra. defendel-o...

AMELIA.

Considere ao menos, snr. commendador, que seu sobrinho está ausente!

O COMMENDADOR.

Dir-lhe-ia á cara! ha de ser tão bom, se já não o-é, como os outros; então elle! comtudo, se obra mal por

um lado, por outro obra bem : é moço—quer subir (Com ironia.) quer ter posição—que vá sendo tratante. .

SCENA XVII

Os Mesmos e DUARTE, em scena. — Movimentos de Todos.

DUARTE, entrando.

Obrigado, meu tio! (Chega-se a Amelia, toma-lhe o chapéo de sol, dando a entender que é o que vinha buscar, aperta-lhe a mão com enfase, dizendo, n'outro tom :) Obrigado, D. Amelia. (Amelia vai encostar-se ao piano.—Duarte em posição nobre e natural a dous passos do commendador.) Obrigado, meu tio, não pelo conselho que me dá, que regeito como incapaz de seguir. Obrigado pela ausencia que me faz, pelo conceito em que me tem. Não julgue, porém, que ainda se me abala o espirito com essas e outras injuriosas arguições; já estou bastante habituado a desprezar com indifferença os doestos da mediocridade.

O COMMENDADOR.

Como diz?

AMELIA, á parte.

Disse muito bem.

DUARTE.

Moço, (com pezar.) entre os moços... entre os velhos, como entre os primeiros e até (rindo.) entre as mulheres tambem, (com sentimento.) desde o começo da minha malfadada vida, tenho encontrado no meu caminho (com repugnancia.) esse animal que rasteja como o serpente, baba como o

cão damnado, repugna como os vermes e fere como Cain... Moços estultos e levianos, velhos caducos e interesseiros, mulheres futeis e ridiculas, ramos degenerados d'essa arvore que se chama sociedade, — sois incapazes de dar um fructo que preste... e estou vingado, meu tio!

O COMMENDADOR.

Menos atrevimento, não se esqueça diante de quem falla!

DUARTE.

Esqueço que fallo diante do irmão de minha mãe — sou um atrevido — porque meu tio esqueceu que fallava n minha ausencia — foi um cobarde! Porque é que pretende nodoar com a injúria das suas palavras aquillo que devo velar mais na vida — a honra?... Porque me suppoz capaz de envilecer o pouco que, por ventura, a minha penna valha á troco de uma posição?... Porque barateia, a seu modo, meus sentimentos antes que eu haja dado razão, descendo até o lupanar de alguns homens, ditos jornalistas, e que nunca fórão senão vis diffamadores da imprensa, para me equiparar com elles?... Porque?... Porque a honra, o cumprimento dos deveres, um pouco de talento, o merito, emfim, desde que não se atavia com um *pincenez* e uma cabelleira frisada, desde que não tem jus a uma ou outra herança futura e não anda pelos clubs fazendo visagens e dizendo parvoices — não vale nada, é um motivo de escarneo e arguições aos olhos de meu tio bem com aos d'esses manequins de que abundão as nossas ruas e que, porque viérão da Europa rescendendo a patchouly valem muito para as moças futeis e, porque hão de herdar meia duzia de contos de reis, ainda mais valem aos olhos de alguns commendadores, por exemplo...

O COMMENDADOR, de pé, alto.

Noto que vossê sempre que póde mette, em ar de mofa, nos seus discursos, os commendadores; se é em referencia a mim, responda, que tem quer vêr com a minha commenda, custou o seu dinheiro, diga?

BAPTISTINHA, á Mariquinhas, ambos tambem de pé.

Para mim não ha commenda que valha este botão de rosa. Só porque foi colhido pela snra.!

AMELIA, á parte, ouvindo o que disse Baptistinha.

Pobre flôr!!

DUARTE, depois de breve silencio.

Não me refiro nunca nos meus discursos, como diz, á sua commenda, meu tio; ella brilha tão pouco no seu peito que não dá nos meus olhos...

O COMMENDADOR, burlesco.

Não dá nos seus olhos... vossê só encherga altas posições... quem é vossê?

DUARTE, com dignidade.

Um obscuro morador de *aguas-furtadas*, que tira o chapéo com acatamento ao ex-soldado cujas cicatrizes do rôsto attestão que a medalha de zinco que lhe adorna o resto dos andrajos foi ganha no campo do acção quando batalhava pela patria, sacrificando os dias da vida; e que mette as mãos nas algibeiras quando encontra um titular ou grande condecorado, d'esses de quem a patria só conhece os nomes...

O COMMENDADOR, burlesco.

Não entendo!... (Á Baptistinha.) Entendeu snr. Baptistinha?

BAPTISTINHA, atrapalhado.

Entendi até o soldado... d'ahi para baixo...

DUARTE.

Sou um homem, meu tio, que ri da mediocridade, a despeito mesmo do grande espaço que ella occupa hoje na sociedade; que levanta a cabeça, com desdem, diante de vosmecê, que lamenta no fundo do coração moças infelizes como minha prima...

MARIQUINHAS, com orgulho.

Infeliz, porque?

DUARTE, sem prestar attenção a Mariquinhas.

Um homem...

O COMMENDADOR, interrompendo-o.

Responda primeiro, porque chama sua prima de infeliz?

BAPTISTINHA, á Mariquinhas.

Talvez seja figuradamente...

AMELIA, á parte.

Directamente, meu tolo.

DUARTE.

Pela razão inversa do enthusiasmo com que curvo a cabeça (curvando-se em frente de Amelia.) diante do — bom senso...

AMELIA, em posição distincta com acanhamento.

Snr. Duarte...

O COMMENDADOR, rindo, á Baptistinha.

Só falta o snr... (Á Duarte.) Vamos lá... (Burlesco.) E o que é que faz quando vê ali, (mostrando Baptistinha.) o snr...

DUARTE, em posição de sahir, medindo de esguelha, a Baptistinha.

Ali... (Rindo.) Não vejo ninguem. (Sahe pelo fundo.)

BAPTISTINHA.

Ora que asneira...

MARIQUINHAS.

É um tolo...

O COMMENDADOR.

É um toleirão... (Entre Baptistinha e Mariquinhas.) Cabeça no ar e muito orgulho... e queria casar com minha filha ..

BAPTISTINHA.

Mas, snr. commendador, elle sahiu com muita pressa, queira Deus não tivesse alguma idéa triste. Já tem havido tantos suicidios...

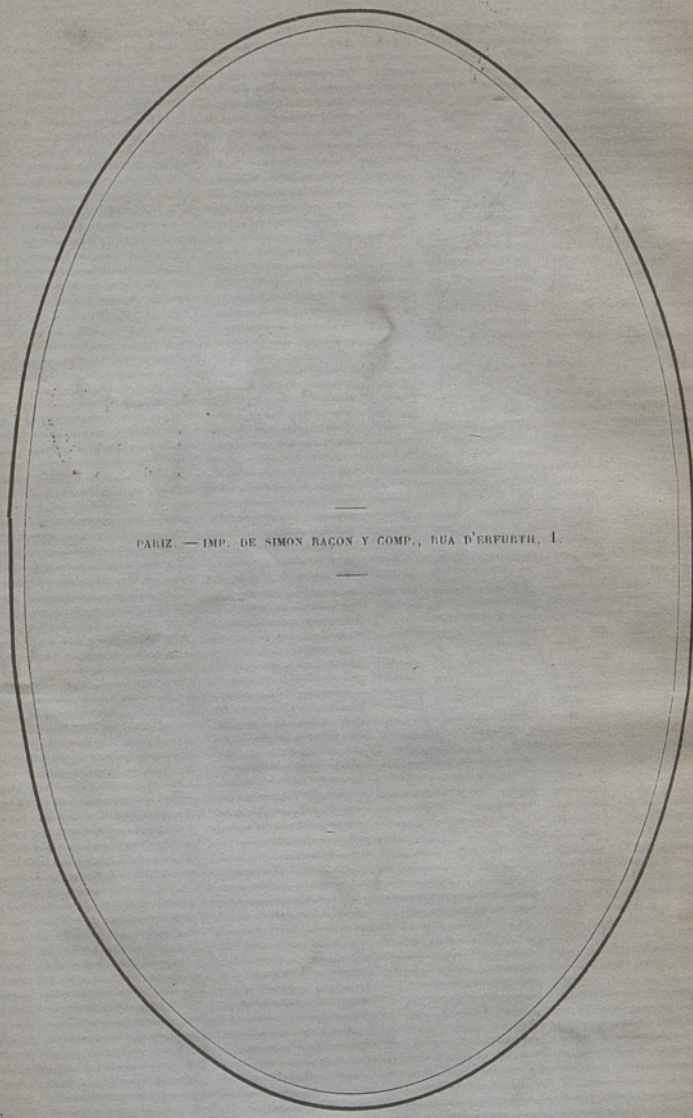
AMELIA, no meio da scena, em posição de sahir, rindo.

Isso que o snr. pensa é que é asneira e tolice, snr. Baptistinha! o snr. Duarte sahiu com pressa porque lembrou-se que tem de escrever um folhetim para amanhã... (Ao commendador e Mariquinhas, tomando a direcção da porta do fundo.) Snr. commendador, D. Mariquinhas, como os snres. vão ao lyrico até outro dia. (Sahe.)

SCENA XVIII E ULTIMA

COMMENDADOR, entre BAPTISTINHA e MARIQUINHAS.

O COMMENDADOR.

É verdade, vão sendo horas de sahirmos; vou mudar de trajo. (Tomando e casando as mãos dos dous.) Agora que já são noivos dou-lhes mais um dedo de liberdade... mas... (olhando em roda.) Mandem accender as velas... e deixem fallar os entremettidos, meus pombinhos ..

FIM

PARIZ. — IMP. DE SIMON RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.